

Como as massas lutam

NA VIA DO GOVERNO

OPERARIO E CAMPONEZ

Castro (Alentejo)

Os camponeses pobres e operários agrícolas negam-se a pagar contribuições. Organizam manifestações de protesto.

As autoridades enviaram a Guarda Republicana ao seu encontro, mas esta foi desarmada no decorrer da luta e, aos gritos de «viva o Partido Comunista», «viva o comunismo!», prosseguem manifestando-se.

Amareleja (Alentejo)

As lutas dos camponeses, contra o salazarismo e pela posse da terra, têm-se desenvolvido cada vez mais.

Alguns milhares de explorados exigiram trabalho ao Administrador que lhes prometeu começar obras no dia seguinte.

Como não cumprisse o prometido, organizaram-se poderosas que conquistaram generos de primeira necessidade e forçaram as autoridades a ceder.

Vila Real de Santo Antonio

No dia primeiro de maio várias centenas de operários e trabalhadores rurais manifestaram-se agitando as palavras de ordem centrais do Partido e as suas reivindicações locais.

Foram colocados cartazes distribuídos manifestos e colocadas bandeiras vermelhas com a foice e o martelo.

Organizou-se uma manifestação que se dirigiu à Administração do Concelho a protestar contra a fome e a exigir trabalho.

O Administrador, Matias Sanchez, industrial, respondeu desencadeando um terror formidável contra os trabalhadores.

Lisboa

No domingo 27 do p.p., sob a direção do Partido, organizou-se uma manifestação de protesto contra o terror branco e contra a polícia.

Os camaradas, em numero de 800, dirigiram-se ao Cemitério da Ajuda, à campã do camarada Américo Gomes, onde colocaram um martelo como simbolo de solidariedade



Avante!



Orgão Central do Partido Comunista - S. P. I. C. -

**Contra a Ditadura Salazarista, pelo Governo Operário e Camponês !
Amnistia Geral aos presos políticos e sociais !**

Defendei os militantes revolucionários das arremetidas da policia, da morte, e das masmorras da Ditadura !

Comités de Fábrica, Comités de Camponeses Comités de Luta contra o fascismo e a guerra imperialista !

Que ha de novo ?

A revolução portuguesa encontra-se mesmo á beira dum nova encuzilhada. A ideologia fascista *totalitaria* choca-se, a cada passo, com as contradições que estrangulam a economia nacional e dividem as classes sociais. Todas as medidas de «renovação social» têm encontrado pela frente a resistência, ora *legal*, ora *aberta*, das massas e não só do campo proletário e semi-proletário. Se *apesar de tudo* têm sido postas em prática, isso não quer dizer que a rebelião não vá invadindo camadas cada vez mais numerosas e que o «Estado Novo» não seja o fogueira que ateia a perdição do capitalismo.

A sustentação relativa da ditadura salazarista está irremediavelmente ligada ao problema de manter o monopólio da paz entre as classes. Salazar passou de ditador *sábio e refugiado da turba*, a chefe de policia, que só consegue manter o logar com a condição de dar provas de iniciativa todos os dias.

A «procição» operária e camponesa, ainda *vai a saltar do adro*, mas «a baratinha» torna facilmente as proporções de «montanha», aos olhares dos grandes capitalistas e lavradores.

Por detrás do «balcão dos negócios políticos da burguesia» procede-se, afanosamente, a novas formações. A «ordem» que o Salazar perde é, ao mesmo

tempo, a «ordem» que os outros querem salvar por meio de outras «injeções de soro».

O proletariado pesa hoje mais na balança politica. Os carteiros politicos do capitalismo adoptam, mais, as frazes de esquerda...

Preparam-se novos «golpes de Estado»...

Que fazer ?

Ou a questão é resolvida em família, em benefício de *qualquer dos lados* dos carteiros politicos da burguesia, mas põe incomparavelmente a claro a podridão que já mina o capitalismo, e isso nos dá margem a impulsionar muito mais velozmente a conquista da maioria dos explorados das cidades e dos campos; o terreno revolucionário do combate pelo Governo Operário e Camponês, á base das lutas parciais pelas reivindicações imediatas;

Ou a questão põe o problema do recurso á acção revolucionária e nós lutaremos por levar as massas a realizarem, por conta própria, as suas reivindicações fundamentais, económicas, politicas e sociais, por meio de manifestações, de greves, da greve geral combinada com acções militares e da insurreição, consolidada económica, politica e militarmente, pelos comités de fábrica e de camponeses, pela frente revolucionária anti-fascista e pelos conselhos de operários, camponeses, soldados e marinheiros — para a defesa das conquistas revolucionárias.

A confiscação dos latifúndios e lezírias, das grandes propri-

edades arrendadas, dos bens do clero e do património rural do Estado, do gado e dos instrumentos agrícolas dos grandes lavradores, e sua entrega aos camponeses pobres e trabalhadores rurais, para que cultivem a terra, *individualmente ou coletivamente*, como entendam; a auiiação de todas as *vidas* e dos impostos sobre a pequena propriedade; a supressão de todos os impostos de trabalho e de consumo, cebre as massas rurais pobres; a jornada de sete horas e salário compatível com o custo de vida, a mais larga protecção á mulher e ao jovem trabalhador; o socorro no desemprego na doença na invalidez e na velhice, sem descontos nos salários, a todos os trabalhadores; o pio, o alojamento e vestuário concedidos gratuitamente aos esfomeados; redução de dois terços nos impostos e contribuições dos pequenos produtores do comércio e industria; liberdade de venda para os vendedores ambulantes, sem sujeição a impostos; o ensino obrigatório e gratuito, pelo sistema da Escola Única de Trabalho; assistência médica, cirurgica e de maternidade, gratuitas, para todos os proletários e camponeses pobres; salário operário para os soldados e marinheiros e a concessão de direitos politicos e sociais a estes camaradas; liberdade de reunião de imprensa proletária e camponesa e de greve; os direitos politicos e sociais para todos os individuos a partir dos dezoito anos; auto-determinação dos povos coloniais e insulares, submetidos ao imperialismo portuguez... Tais serão as palavras de ordem que constituirão o fundo do nosso programa de luta.

Ver no proximo numero

Projeto programa do Governo

Operario e Campones



pelo partido

RESOLUÇÃO DO SECRETARIADO

O Secretariado do Partido, conrntando que de vários pontos são levantadas atoardas acerca da pessoa de um dos seus componentes —reintera a confiança a este camarada. Mas ante a consciência leninista de que a presente viragem na público a toda a baze partidária, ao movimento proletário e camponez e ás próprias massas sem partido, que proclama aberta a mais larga crítica e auto-crítica na totalidade dos seus quadros e abre um inquérito sobre o camarada ou camaradas a quem são festas acusações e sobre a origem dessas acusações, por meio de uma comissão com poderes de controle, a recrutar, com a maior largueza de moerática possível, no conjunto dos seus efectivos. Esta comissão adotará os meios que julgar convenientes, para o cabal desempenho da sua tarefa, e dará conta pública das suas conclusões, dentro do prazo máximo de sessenta dias, a contar da data da sua constituição.

O SECRETARIADO

Do Comité Regional de Lisboa

Resolução

A Polícia e os falsos revolucionários (elementos anarquistas e do grupo «Luta de Classes») espalham, com o fim evidente de desagregar o nosso Partido, que um camarada do Secretariado do Comité Central é um provocador ao serviço da policia.

Este Comité reitera toda a confiança a este elemento, um dos camaradas mais activos e dedicados á causa do proletariado.

provocadores no movimento revolucionario

Conforme vamos recebendo, concretamente, os dados necessários, vamos publicando, para conhecimento dos trabalhadores, uma lista de provocadores e agentes ao serviço da policia.

Hoje cabe a vez de figurar

Ao que vem a criação das "casas do povo"

Os ultimos trez anos de crise geral e de aceleração da crise agrária portuguesa introduziram uma extensão muito maior á frente revolucionária dos operários e dos camponezes pobres e trabalhadores. As viagens ministeriais aos centros rurais do paiz não passavam de embaixadas dos agentes supremos do Governo aos grandes lavradores, sem que a conquista das largas massas da lavoura, para o fascismo, fosse conseguida. O poder politico da Igreja, na manutenção da subserviência das massas pobres dos campos aos grandes ricos abalara-se profundamente. Daí o decreto-lei 28 651, como tática fascista de quebrar a aliança operário-camponeza, em plena formação no paiz.

E grande o reclame fascista e demagógico acerca das «casas do povo».

O que é que as «casas do povo» são efetivamente para os camponezes pobres?

O Governo chama *grande previdencia social* ao mutualismo arrancado ao poder das cotisações dos sócios efectivos, isto é, dos camponezes pobres e trabalhadores rurais. Este mutualismo, mesmo assim, fica sujeito á fiscalisação do Estado. *A luta contra a tuberculose*— isto é, contra uma enfermidade fundamentalmente provocada pela fome e pela miséria, será feita «por meio de todos os recursos de propaganda, ao alcance das casas do novo, submetidas ás normas ditadas pelos organismos superiores» (III)

Progressos locais (abertura e conservação de caminhos e

outras vias de comunicação, águas, esgotos, etc) serão feitos «mediante a atribuição das verbas dos fundos das casas do povo e prestações de trabalho dos sócios efectivos»— isto é, principalmente pelo processo de «fachina», quer dizer, dos impostos de trabalho lançados sobre os camponezes pobres e trabalhadores rurais.

Para fecho, as «casas do povo» só dodem ser formadas a pedido dos apaniguados do fascismo ou de qualquer autoridade administrativa. A assembleia geral, isto é o poder dirigente magno, só pode ser presidida por algum dos sócios protetores, isto é, um dos grandes ricos da freguezia seguido de reza o art.º 20.º

As «casas do povo» salazaristas não passam de centros de luta pela criação de um exército de escravos entre as massas rurais exploradas —de centro de conquista das populações pobres da lavoura á politica de guerra dos capitalistas e dos grandes lavradores — e de busca de reservas para o esmagamento armado da luta de classes do proletariado e dos próprios camponezes pobres e trabalhadores rurais

É por isso que o artigo 12.º prescreve: «Tanto a instrução como a educação moral, intelectual, ou física, a ministrar aos sócios das casas do povo, devem ter por objectivo a formação caracteres fortes, de trabalhadores activos e cidadãos inteiramente votados ao serviço da pátria» —ou melhor: inteiramente votados á defesa das terras e dos cofres fortes dos grandes lavradores e capitalistas.

Um AUTO DE FÉ na Manutenção Militar

Ha dias um chauffeur irrompeu furibundo a «presentar ao «senhor tenente» uma saca vazia. A questão era grave: Um carimbo com a palavra «Odesza» e uma foice e martelo demonstravam a origem da saca: União Soviética.

nela a:

José Grazina, fogueiro.

Trabalha no Depósito de Cempolide (C P.). Baixo, magro, e rosto moreno e miúdo. Não esteve organizado no Partido, mas afirma-se comunista. Morou na Calçada do Teixeira, a Chelas. Não nos foi possível averigua a sua actual residência.

É bom notar que se tratava de uma saca vinda com trigo importado de Inglaterra. Esta com efeito, importa-o da União Soviética, exporta-o para Portugal e por isso nos não permite relações comerciais com os sovietes. De contrário comeriam s o trigo mais barato, o que não á «nossa velha aliada».

Reuniu um conselho de oficiais para julgar o caso.

E por fim decidiu-se queimar a saca —é necessário exterminar o «perigo comunista» numa fabrica militar e da importância daquela.

E o fogo purificador tranquilisou os modernos Torquemadas...

Os camaradas presos

CONTAM-NOS OS SEUS MARTIRIOS

Após os espancamentos sádicos ne Polícia de Informação estamos a contas, no Presídio da Trafaria, num regimen verdadeiramente infame. Logo nos primeiros dias nos encontramos com um rancho péssimo e resolvemos reclamar.

Resposta do Oficial de Dia: —Os senhores quando entram no movimento, era ou não para se sujeitarem ás consequências? Se quiserem eu faço seguir a reclamação e o resultado será serem de novo entregues á Polícia de Informações, onde já sabem o que os espera...

Passados dias um camarada queixou-se ao Cabo de serviço contra o estado do seu rancho que, ao contrario dos outros, nem a mais leve sombra de tempéro tinha. Sem mais explicações o nosso camarada foi levado ao Oficial de Dia que o ameaçou de o fazer entregar á Polícia de Informações para apanhar uma sova e o transferiu seguidamente para uma cela onde ficou isolado.

Outro caso: Quando procediam á contagem da manhã um nosso camarada respondeu: «Aqui não falta ninguém; somos treze». O sargento enfurecau-se com a resposta e chamou besta ao nosso camarada. Este retorquiu a frase. Foi meido no «parlatório», que é um cubículo onde se vê tanto de dia como de noite, e onde uma pessoa deitada não pode caber. E mesmo não o pode fazer porque previamente despejam para lá dois ou trez baldes de água!

As celas onde nos encontramos foram feitas para um homem. Pois encontramos por cá aos treze, dormindo em enxergas horríveis. Numa destas permanece um camarada da sessenta anos e *tuberculoso* a quem se não permite a entrada no hospital!

A ordem é matar, nas masmorras do salazarismo.

Que dizeis, trabalhadores, a respeito dos *safanões* de que fala Salazar?

Vêde o tratamento que é dado á carne da vossa carne, por decreto salazarista!

Associai-vos a luta por um regimen politico para os presos e pela amnistia!

Os presos da Trafaria



O Partido Comunista e o confuzionismo do grupo "A Luta de classes"

I

O ambiente nacional jamais foi tão rico de variantes e de experiência. O movimento proletário desenrola-se desigualmente. E, no campo político da oposição ao 28 de Maio, assistimos a um revolucionarismo, ora capaz de derrubar, numa hora, *uma colmeia de moínhos de vento*, ora mergulhado na mais profunda castração. «A Verdade» *reviralista* declarou, ha cerca de oito mezes, que estava para a semana a morte do *império dos salazares*. A C.G.T. decretou uma «greve geral revolucionária». No próprio Partido houve quem entendesse que o 18 de Janeiro *era já o revirallo*. Outros, do campo sindical autónomo, disseram: «O proletariado lavrou a sua sentença; aós vamos executá-la... Passados dias, a maioria desses mesmos, comentavam amargamente: «Eles estão fortes como tigres; contra isso batatas»...

Os extremos tocam-se, a par e passo, no *idealismo* pequeno burguez.

A contra-revolução, por seu lado, refina-se dia a dia. Ha tempos descobrimos o grupo «Os Vesmelhos», formado pela policia, para agir provocatóriamente no seio do Partido. Nas vésperas do 18 de Janeiro surgiu o grupo «Udarniks». A Policia de Informaçoes editou manifestos em nosso nome. O Governo esteve para dar á A.E.V. a *fouca e o martelo*, como emblema. Os «nacional-sindicalistas» desfilarão, em Braga, com bandeiras vermelhas. A difamação dos nossos militantes constitue, tambem, um dos processos de actuação da policia e dos dirigentes da C.G.T.

Lenine ensinou-nos que a revolução amadurece quando «em cima» já não se pode governar com os métodos antigos e, quando a hesitação é maior entre *os falsos amigos e os amigos indecisos*. O grupo «Luta de classe» representa um caso, em que os amigos indecisos, em vez de se guiarem pelo proletariado, querem guiar o proletariado, sobre o caminho das suas próprias indecisões.

II

O grupo «Luta de classes» deu á luz um jornal «simpatizante» da U.R.S.S., onde se fala de «republica comunista», mas, onde se faz de conta que *tudo derruiu*, entre nós — se afirma que ele será a *estrela altissima* que levará os trabalhadores á vitória e se proclama, sobranceiramente: «Se ela (a reacção capitalista) tem conseguido reerguer-se, é porque a massa tem faltado á preparação necessária, para aniquilar, de vez, a classe inimiga».

Primeira interrogação: Os «ultra-comunistas» são capazes de explicar-nos, quando é que, em Portugal, amadureceram as condições da insurreição proletária, e que o proletariado as tivesse deixado perder «por faltar á preparação necessária»?

Vejamos, entretanto, o ponoto de partida do grupo «Luta de Classes»:

Tese fundamental—(copiamo-la do artigo «A situação do proletariado português»): Com as ultimas medidas fascistas deu-se «a paralisação das lutas dos trabalhadores, no terreno económico e politico-social e o enfraquecimento pela miséria e o exgotamento de forças».

III

Ao contrário do que pensa o grupo «Luta de Classes», as ultimas medidas do fascismo e o 18 de Janeiro serviram de ponoto de partida para o revigoramento da luta de classes, caracterizado pela quebra do nosso *tradicional luitanismo*. Um mez após o 18 de Janeiro, 4.000 trabalhadores se manifestaram, durante todo um dia, em Setubal. Os trabalhadores rurais duma aldeia do Alentejo manifestaram-se, egualmente, em massa, pelo pão e pelo trabalho, cinco dias depois de o grupo «Luta de Classes» ter profetisado a «paralisação da luta no terreno económico e politico-social» (!!!).

O 18 de Janeiro teve muitos lados fracos? Teve-os. Mas ainda foi decisivo em Silves, Almada e arredores e Marinha Grande. Houve inexperiencia no 18 de Janeiro? As massas e as *próprias vanguardas* jamais foram capazes de traçar o seu caminho, senão no caminho da luta e da experiência que recolhem ao cabo de cada luta.

Onde estavam e que tese defenderam os chefes do grupo «Luta de Classes»?

É verdade que o fascismo *totalitario* abriu, em Portugal, *uma perspectiva italiana*? Pelo contrario. O 18 de janeiro quebrou á ditadura o melhor contrapés do sua própria estabilisação relativa: machadou as ilusões *reviralistas* e anarquistas, existentes em largos sectores do proletariado. A-

nunciou a aproximação da crise revolucionária e a passagem do nosso Partido á maioridade politica e colocou a revolução no logar de problema que hade edificar-se na luta diaria e concreta das massas e na comparticipação mais numerica destas ultimas — o que quer dizer que as massas vão contar melhos com a possibilidade de fazerem *do crepusculo da ditadura a aurora do seu dia*.

IV

Afirmando que a realidade é caracterizada pela «paralisação da luta no terreno económico e politico-social», em que é que o grupo «Luta de Classes» vai apoiar-se para lutar efetivamente contra o fascismo, a guerra e defender a U.R.S.S.? Nos cozinhados com os chefes reviralistas? A experiência já nos disse que, se as massas não vêm, os *reviralistas* não podem; se as massas vêm, *os reviralistas metem-se em casa*, ou saem precipitadamente, para transformar a revolução em «golpe de Estado».

Outra pergunta: Se a repressão é suficiente ao capitalismo, para «paralisar a luta de classes», onde ireis arranjar, hoje ou amanhã, a aberta ao caminho da revolução?

O grupo «Luta de Classes» apenas veio refletir o ponoto de vista politico das categorias pachorrentas da pequena burguezia e de umas *elites proletarias* acomodadas. As suas teorias enfraquecem o revolucionarismo das massas, quando a nossa tarefa é estimulá-lo. Praticamente, auxiliam a ditadura salazarista: A A.E.V. meteu um *grão de areia* entre trez rodas dentadas, para dar *ao respeitavel publico* a imagem de que «hade ser» capaz de paralisar a luta de classes. Os dirigentes de grupo «Luta de Classes» dizem agora *ao respeitavel publico* que o *grão de areia* «já» paralisou a luta de classes...

V

A Liga Anti-Fascista é, segundo as suas próprias proclamações públicas, o órgão, por excelência da «união dos trabalhadores do braço e do cérebro» para a luta geral contra o salazarismo, assim como ao Partido Comunista cabe a tarefa de transformar revolucionariamente a ditadura salazarista e o capitalismo, em Governo Operário e Camponez, dos Conselhos de operários, camponezes, soldados e marinheiros, sob a baze da luta das largas massas pelas suas reivindicações fundamentais.

Porque nem todos os que lutam contra a ditadura, lutam pela emancipação dos trabalhadores.

Os que sinceramente lutam contra o fascismo e a guerra, pela defeza de U.R.S.S. e pela vitória final dos trabalhadores, têm á sua frente uma série de organizações que lhe abrem as portas.

O grupo «Luta de Classes» propõe-se, na realidade, formar um novo partido de corrente trotskista; dispersa as forças do proletariado e dos camponezes, em vez de favorecer-lhe a frente única sob a baze da luta pos um partido revolucionário uno de métodos, tática e estratégia.

O Partido Comunista chama para esta decaração a atenção dos elementos honestos do grupo referido e põe em guarda o proletariado e os camponezes, contra as confuzões creadas no seu seio pelo aparicimento deste grupo e do seu jornal.

Tanto mais que aperecem membros dirigentes desse grupo que se dizem simultaneamente membros do nosso Partido. É um processo de *pescar nas águas turvas*. O partido é incompatível com a existência de grupos no seu seio — e, sobre o rumo de Lenine, Staline e da Internacional Comunista, saberá construir e manter a sua unidade proletária.

Lisboa, maio de 1934

O Secretariado do C.C.E.

Declaração

Segundo as ultimas informações que nos chegam, a respeito dos componentes do grupo «Luta de Classes», no numero dos seus inspiradores dirigentes encontre-se o Secretário Geral do Partido *deposto em abril de 1929, condenado pela I. C. por ter passado ao campo social-fascista* e que ficou em sua posse, abuzivamente, com cerca de *dez mil escudos, do P.C. e do C.P.I.S.V., dos quais não fez entrega, apesar de solicitado pelos organismos internacionais*. Desde 1929 não corrigiu a sua *linha de traição* ao movimento operário revolucionário. «A Luta de Classes» reflete o ponoto de vista deste militante renegado, segundo o qual *enquanto houver ditadura não pode haver luta de classes!*



Auto-crítica dos nossos erros e progressos

Ha os que dizem que *as criticas devem ficar para depois*... Nós temos da ilegalidade de uma noção bolxevista. *A volta ao quartel* dev ser aproveitada para o exame ao estado das nossas forças, em vistas da preparação e do êxito de novas batalhas. Precisamos de ser, não em palavras, mas de facto, a vanguarda da revolução. O problema é para hoje. É preciso ganhar ao Partido o que ha de mais são, de mais abnegado, no movimento revolucionário operário e camponez. Processo: Dar a público o que fiseamos e o que pensamos e expurgar o partido de todos os vícios onde quer que eles se encontrem.

Esta secção destina-se á própria participação das massas do Partido e sem partido.

Assunto de hoje: Erros e progressos essenciais, relacionados com o 18 de Janeiro.

O nosso principal erro, e de natureza dirigente, foi o não termos definido, bem claramente, a nossa concepção de frente unica. Com isto demos ás massas a impressão de que elas podiam confiar na acção dos grupos, deixando-se ficar no lugar de espectadoras. Em vez da frente unica de acção das próprias massas deixamos dar maior vulto ás discussões sobre «entendimento». Deste erro resultou que os anarquistas do nosso próprio seio deram, tambem, ás massas a impressão de que estava feito um entendimento entre chefes republicanos, anarco-sindicalistas e comunistas. Isto era falso. E o Governo foi o primeiro a utilisnr-se deste desvio, para proclamar depois: «Todos estavam unidos e nós derrotamo-los. Já é ter força...»

Segundo erro: O quererem alguns sectores do nosso próprio partido arrancar a paralização por meio, exclusivamente, da sabotagem e do *pretexto da força* que se fornece a falta ao traalho. Deu isto em resultado: Confiar-se demasiadamente, em Lisboa, da paralização da Carris, ou fazer depender dela a paralização geral; no lugar de agitação sistemática para trazer os trabalhadores á rua, deu-se a corrida para o caminho imediatamente militar estratégico.

No lugar da organização da defeza das massas, quiz-se fazer a paralização, por meio da resistência que se applica sobre as mesmas massas. Ao mesmo tempo que os trabalhadores das officinas gerais da C.P. estiveram vacilantes mais de dez minutos, além da hora regulamentar de tirar a chapa; que no Terreiro do Trigo e Alcantara se aglomeravam alguns

milhares de trabalhadores; que os trabalhadores, em geral, de Lisboa, desconheciam a data da greve —os elementos revolucionários encontravam-se no terreno estratégico da terra de ninguém. Estes camaradas, cheios de iluzões sobre o valor da valentia individual, tiveram ocasião de ver o *valor dessa valentia*, quando age isoladamente.

Progressos: Nós definimos, em manifestos, palavras de ordem que condiziam com a situação («greves e manifestações de massas!») e lutamos contra o terrorismo e o aventureirismo político. A questão de Santa Iria fora nos apresentada com antecedência. Rechaçamo-la. Não somos contra a sabotagem quando ella se realisa como acção de massas. Somos contra ella, quando ella surge como puro terrorismo. Foi nos garantido que se tratava de um comboio de mercadorias e que não haveria desastres pessoais, porque, antes do descarrilamento, far-se-hia parar o comboio e apelar o pessoal. Tratava-se simplesmente de engorgitar a linha. Só assim concordámos. O caso correu doutro modo; um membro do Partido teve responsabilidade nisso. Expulsámo-lo. Houve um outro militante que quiz servir-se do Partido e do 18 de Janeiro para fazer fretes aos revirralhistas. Expulsámo-lo. Para a Anadia e Coimbra demos oportunamente instruções, rechaçando a anarquizada em projeto. Esses elementos *acuzaram-nos de estarmos fora da*

linha do partido. Já condenámos publicamente a acção naqueles pontos. A nossa própria organização da marinha e do exercito manifestou tendências a «tomar a nuvem por Juno». Esforçámo-nos e conseguimos evitar uma precipitação. As massas não estavam na rua. Não tinha chegado, ainda, o momento de in-urreição. Nós tinhamos afirmado, no nosso manifesto, que a frente proletária *tradustria as suas proprias palavras por actos*. Rechaçamos a acção de grupos. Silves e Almada e arredores representaram um caso de completo triunfo das massas pelo processo da frente unica; ella baze, como fora preconizada pela linha do nosso partido. A acção foi aí decisiva. A Marinha Grande representa um outro caso e acção profundamente revolucionária das massas quando guiadas pelo leninismo. Na Marinha Grande o movimento foi *totalmente comunista* e educador para as largas massas do nosso proletariado e camponezes pobres. Estas acções positivas do 18 de Janeiro deram um extraordinário revigoramento á luta no mez seguinte, em Setubal, e, ha poucos dias, no Alentejo. Daí, o 18 de Janeiro e as acções que vêm de ser empreendidas sob a sua influencia, *crearam um novo ciclo na luta de classes, caracterizado já pela passagem das batalhas proletarias e camponesas a batalhas parcialmente triunfantes*.

Os comunistas e o movimento sindical

I

«O sindicato é a escola prática do comunismo» —dizia Lenine. «Os sindicatos são a verdadeira organização da classe do proletariado, onde e' luto, diariamente com o capitalismo, e são, para os operários, uma verdadeira escola que nada hoje poderá estrangular, nem ainda e repressão mais violenta» —afirmava Engels, em 1875, numa carta Babel.

A I.C. tem adotado bastantes resoluções chamando a atenção dos comunistas para o trabalho nos sindicatos. Lenine demonstra, em «Doenças Infantis do Comunismo», os perigos tremendos do desinteresse dos comunistas, pelo trabalho nos sindicatos, provando que não pode ser um bom comunista aquele que, sendo operário, não desenvolve uma boa actividade no sindicato. Ninguem, como Lenine, cobrou bateu com mais vigor, sobre

duas frentes, o «economismo». E precisamente por isso coduzia uma campanha implacavel contra a tendência, muito accentuada na Europa central, de deixar os sindicatos aos «economistas», concentrando unicamente a nossa acção no Partido, no «politico», e coustido com certo desdém o trabalho sindical. A isto, que não é na realidade senão o «economismo» volto do avêssio, chamava Lenine «avaidade comunista».

Com efeito se o Partido é o destacamento de vanguarda da classe operária, os sindicatos são o «grosso organizado» da classe. Descurar o trabalho nos sindicatos é promover o isolamento entre a vanguarda e o grosso da classe; é cair no pantano anarquizante, pequeno burguez, da vanguarda desligada das massas, do grupo de herois que libertará a Hu-

CAMARADAS !

Para que AVANTE ! viva aumente a tiragem, o número de páginas e passe a sair quinzenalmente, é necessário que todos os trabalhadores nos ajudem.

Difundi-o; creai grupos de AMIGOS DO AVANTE !

Cada membro do Partido deve criar, pelo menos, um grupo; deve arranjar o maior numero possível de assinantes.

Apezar da repressão policial não é difficil arranjar assinantes. Cada assinante receberá selos do Partido, com a sobre-taxa AVANTE !, no valor do numero de exemplares que assinou. Como está em contacto com o camarada a quem fez a assinatura, receberá deste, o jornal, á medida que se for publicando.

Os assinantes, bem como os camaradas que nos enviarem donativos, devem usar um pseudónimo para que possamos publicá-lo juntamente com a quantia recebida; assim ser-lhes-ha facil controlar a entrega ao nosso jornal.

AQUI NÃO ENTRA O L.A. PIS AZUL DA CENSURA !

manidade; é favorecer a castração «economista».

Se tudo isto tem uma grande importância para os paizes da Europa central, onde se manifestou mais bastas vezes o aparecimento do Partido primeiro que os sindicatos, reveste uma excepcional importância para nós, nos paizes latinos onde, por via de regra, os sindicatos apareceram primeiro que o partido, onde grande parte da tradição das lutas operárias está ligada aos sindicatos. Aqui onde, mais de que noutros lados, as massas estão ligadas por inúmeros fios aos sindicatos, o desinteresse dos comunistas pelo trabalho sindical é um erro imperdoavel; é desprezar uma das mais fundamentais tarefas do Partido; é estar contra os interesses fundamentais da revolução.

(Continua na pagina 5)



os comunistas

E O MOVIMENTO

SINDICAL

(Continuação da pagina 4)

Se isto assim é, em geral, que devemos dizer no período presente, em que todo o movimento sindical revolucionário se encontra reduzido á ilegalidade; em que a ditadura salazarista, compreendendo o que muitos comunistas não conseguiram ainda compreender, procura organizar os seus próprios sindicatos ?

Ora bem; têm os membros do Partido cumprido o seu dever, face a esta gravissimo situação ?

Devemos confessar que não, especia mente nos ultimos dois anos. No período de 1929/32 a actividade dos comunistas nos sindicatos foi realmente importante. A isto se deve, em grande parte, o progresso e successo da luta contra o anarco-sindicalismo, até então quasi senhor incontestado da direcção dos sindicatos. Porem, esta actividade afrouxou, de 1932 para cá, a pontos e que, presentemente, quando a atenção dos comunistas mais se devia concentrar nos sindicatos, verificamos que mais de 50 % dos membros do Partido não só não desenvolvem actividade nos sindicatos como nem sequer são membros dos sindicatos ! Mais grave ainda: 80 % dos nossos comités não têm responsaveis sindicais ! Aqui mesmo, em Lisboa, encontramos casos como estes: Na Carris o sindicato vermelho está organizado e funciona regularmente. Pois a maioria dos membros do Partido não só não desenvolvem actividade no sindicato como nem sequer são sindicados ! Na C.P. ha um numero groupo de membros do Partido. É preciso organizar, ali, a secção de empresa, do Sindicato Unitário da Industria Ferroviária. Pois até agora não houve maneira de levar estes camaradas a lançar-se neste trabalho absolutamente indispensavel ! Ha cerca de sessenta a setenta operários da construção civil, membros do Partido. É preciso organizar o sindicato vermelho e a O.S.R. Pois, apesar dos esforços do Comité Regional, não se tem avançado um passo neste sentido !

E no entanto o movimento sindical vermelho revigora-se, reorganiza-se, procura fazer face á situação, luta em duas frentes pela conquista das massas... Sabem os camaradas comunistas o que isto quer dizer ? Pois que dizer esta coisa gravissima: **que quasi todo este trabalho se está realisando**

Explorados e oprimidos !

Trabalhadores manuais e intellectuais de todas as tendencias !

mães, esposas e irmãs dos presos e perseguidos !

Associai-vos ao nosso brado de revolta !

Quantos horrores já ouvi-tei relatar sobre a famgerada policia politica ?

Que espanca, que tortura, que, á custa de violências de toda a ordem, arranca *confissões* de participação em revoltas contra a ditadura ?

Isso apesar de negado e disfarçado pela classificação de **SIMPLES SAFANÕES** e que, algumas vezes, vos tem revoltado, fica muito *aque* **da realidade**.

Na policia politica tortura-se até á morte, *existindo em todos os calabouços sinais das tragédias*: **MANCHAS DE SANGUE SALPICANDO AS PAREDES E TARIMBAS; E DO SEGREDO DA SINISTRA CADEIA DO ALJUBE SAIU AGORA MAIS UM CADAVER: O do militante sindical ferroviario Manoel Vieira Tomé !**

Gótejava sangue ! Espancado, torturado, amachucado, feito um farrapo, na casa infernal da Rua 16 de Outubro, foi conduzido para o «segredo» da Cadeia do Aljube já moribundo *para que ninguém assistisse aos seus ultimos estertores* !

Assim aumenta diariamente o negro rol das victimas da luta de classes !

Á calúnia, á prisão, á deportação, ao soborno, sucede o **ASSASSINIO !**

Só nos ultimos tempos podemos contar :

a margem da actividade do grosso dos membros do Partido; que, a este respeito, nós a vanguarda, marchamos á retaguarda das massas !

Temos que lutar implacavelmente contra este estado de coisas. É preciso, não um artigo mas toda uma campanha, de dia a dia, para lhe pôr termo. Precisamos levar, a todos os escalões da nossa organização a convicção de que *a recuza a traqalhar no movimento sindical se torna incompativel com a qualidade de membro do Partido*; de que *toda a célula e comité do Partido que não tem responsaveis sindicais e não organisa, no seu sector, o trabalho sindical, está longe de se dar conta das responsabilidades do Partido no periodo presente*. Continuaremos.

Quatro mortos !

Cinco loucos !

Dexenas de estropeados !

Quinhentas prisões !

Sentenças que montam a séculos !

Os tribunais de Santa Clara e da Trafaria são uma nova farça do salazarismo.

Os juizes servem de simples «executores das ordens confidenciais da Policia de Informações e do Ministério do Interior

A morte pela tortura, pelo envenenamento e pela fome, é o regimen politico das masmorras do salazarismo

Ha dias foram *covardemente agredidos, á baioneta e coronhada*, os operários que se encontram presos na Casa de Reclusão da Trafaria resultando feridos de tal gravidade que, *para que o seu estado não possa ser conhecido, foram postos incomunicaveis com sentinela á vista*

OUVI ANTI-FASCISTAS EM GERAL !

Os espancamentos, as tortu-

ras, a morte, o regimen de silêncio e de presidio comum constituem o processo terrorista do fascismo, em vistas a esmagar mais cruelmente os oprimidos das cidades e dos campos, sob o pezo da exploração capitalista e latifundiária, e de desarmar a revolução operário-camponeza

Mas esse processo errará o alvo.

A nossa voz erguer-se á rebelde protestando, em plena cadeia, contra os crimes hediondos da nova inquisição, denunciando os criminosos e continuando a luta pela emancipação dos trabalhadores !

Organisai comités de luta pró-amnistia !

Prestai-nos a vossa solidariiedade de classe !

Por um regimen politico para os presos politicos !

Contra os espancamentos e assassinio dos operarios presos e deportados !

ABAIXO O FASCISMO E O TERROR BRANCO !

VIVA O GOVERNO OPERÁRIO E CAMPONEZ !

Maio de 1934

A Fração Comunista dos Presos

terrorismo e comunismo

Ultimamente têm surgido «entre nós» dos que afirmam:

—Sou contra o terrorismo .. mas... ás vezes...

—Se estoirassemos alguns dos que torturam os nossos camaradas, na prisão...

—A morte de Salazar não seria a morte da ditadura ?!...

—Oficialmente ha que condenar o terrorismo... entende-se. Mas, particularmente ?!

Estas «explosões» envolvem uma completa *miopia revolucionaria*.

Recordai-vos da onda sanguinária, da burguezia sobre o proletariado, após a explosão de uma bomba na Catedral de Sofia. E o incendio do Reichstag ? Não é verdade que só o formidavel trabalho do P.C. alemão e da I.C. e a *prova mundial de que tal acto não foi nem poderia ser praticado por comunistas*, coms guiram virar contra Hitler a arma que este pro urou utilizar contra os trabalhadores e o seu partido de vanguarda ? Não foi a anarquizada de Co-

imbra, Anadia e Santa Iria «entre nós», no 18 de Janeiro, que forneceu ao Governo e á imprensa material precioso para a criação de uma «opinião pública» propicia á applicação do terror branco em larga escala, para os espancamentos bárbaros, para o assassinio de Manoel Tomé, etc.—sem a qual as ações da Marinha Grande, de Silves, de Almada e arredores, teriam sobressaído muito mais elevadamente, como cartilha de ensinamento das largas massas sobre o caminho da revolução ?

... «A morte de Salazar e a liquidação dos miseraveis que espancam»... A História portuguesa já conhece vários casos de mortes, por esse processo, de caixeiros do capitalismo e dos seus lacaios da policia. *Esse foi o caminho do 28 de maio*.

A tática de usar um método «oficial» e outro «particular», de luta de classes, não serve ao Partido Comunista. É própria dos chefes anarquistas



e anarco-rev. r. b. h. s. t. s. Esses é que dizem: «ós somos pelo comunismo libertário, em teoria. A prática aconselha-nos, porém, a ir a balla com os chefes republicanos». «Deus fez o mundo, do caos, segundo reza a bíblia». E os anarquistas nunca deixaram de ser bíblicos.

O terrorismo individual corre, onde ás ne. ssidades provocatórias do fascismo. O Partido Comunista, pelo contrário, denuncia os seus autores e instigadores como **provocadores, ao serviço da contra-revolução e da derrota do proletariado.**

Como lutar então?

Luta-se contra as arremetidas da policia e do fascismo, por meio de uma ligação mais estreita com as massas:

—Organizando melhor e mais largamente as lutas, pequenas e grandes, das massas e dirigindo-as de um modo bo. l. x. e. v. i. s. t. a.

—Tomando a cabeça das lutas espontâneas do proletariado e dos camponezes;

—Ligando as lutas de massa á defesa dos militantes revolucionários; lutando pela violência de massas sobre os agentes do terror branco e milicianos do fascismo (por exemplo: Quando a policia vai a uma fabrica na disposição de prender um ou mais militantes, lutando por levar as massas a empreenderem, por todos os meios ao seu alcance, uma acção decisiva.)

—Levando as massas a incorporarem se num vasto movimento de solidariedade aos presos, contra os espancamentos, na luta larga pró-an. t. i. s. t. a.

Se encontramos dificuldades neste caminho, isto só quer dizer que ainda não sabemos mostrar ás massas a ligação que ha entre **um centavo** que os patrões roubam aos salários dos trabalhadores e a existência dos laçãos da Policia de Informações e o próprio caixearito salazarista dos capitalistas e grandes lavradores.

As massas já demonstraram nas lutas contra o nacional sindicalismo, e ultimamente em Setúbal e nas lutas com a A. E. V., que concebem a **de. i.**

O terrorismo individual facilita a grande tarefa contra-revolucionária do capitalismo: A separação entre a vanguarda e as massas, sobre a base da qual se enraiza o terror branco e derrota da luta de classes do proletariado e dos camponezes pobres.

Ao terror individual, o capitalismo responderá, como as damas da aristocracia, nas touradas de Espanha:

Vengan caballos...

Do estrangeiro

Estados Unidos

14 MILHÕES DE NEGROS FUTURO: COMUNISTAS

Os intelectuais negros da América aderem ao Partido Comunista.

Um grande entusiasmo se apoderou de 14 milhões de operários negros.

O Partido Comunista tem cristalizado este movimento que arrasta jornalistas, professores, editores e escritores eminentes.

Esta evolução levou H. Johns, redactor do «Baltimore Afro-American», um dos tres semanários negros mais espalhados na América, a começar um cómicio, nestes termos:

«Saudo-vos em nome de 14 milhões de futuros comunistas. Se falo assim é porque o meu trabalho me permite compreender o que se passa actualmente no espirito dos negros da América».

União Soviética

BALANÇO DO 1.º PLANO

QUINQUENAL DA INDUSTRIA

TRIA

De país agrário a U. R. S. S. tornou-se um país industrial.

A produção industrial, em relação á produção agrícola, elevou-se de 48%, no começo do primeiro plano quinquenal (1928), para 70% no fim do quarto e ultimo ano deste plano (1932).

O volume da produção industrial da U. R. S. S. no fim de 1932 **augmentou** de 384% em relação á produção de antes da guerra e de 219% em relação a 1928.

Em 1932 a U. R. S. S. ocupava:

O primeiro lugar do mundo na fabricação de tractores.

O primeiro lugar do mundo na fabricação máquinas agrícolas.

O primeiro lugar do mundo na construção de máquinas agrícolas combinadas.

O primeiro lugar da Europa e o segundo do mundo, nas construções mecânicas.

O primeiro lugar da Europa e o segundo do mundo, na fabricação do aço.

O terceiro lugar do mundo na produção de energia eléctrica.

O primeiro lugar da Europa e o segundo do mundo, na produção de petróleo.

O primeiro lugar do mundo na produção de turfa.

E, finalmente, o quarto lugar do mundo, na produção de carvão e de produtos químicos

O caminho dos desempregados

O pão, o alojamento e o vestuário para os desempregados e estomeados, conquistados por sua própria conta, por meio das manifestações nos bairros, nos centros de camponezes e nas ruas, organizadas, tornadas sistematicas e numericas, sobre a base de comités de luta das próprias massas; vem sendo de ha quatro anos a nossa palavra de ordem.

As massas vão-nos compreendendo. No dia 17, em Setúbal, quatro mil desempregados reclamaram «pão ou tr. bal. » em face do Consórcio das Condições E enquanto os do Consórcio faziam ouvidos de mercador, conquistaram no armazem, por suas próprias mãos, os artigos de consumo.

No Alentejo os trabalhadores agrícolas reclamam, pacifica ou revolucionariamente, os meios de sustento da sua vida. Este é o caminho, e o caminho do internacionalismo proletário.

Dizem os jornais de Espanha:

«**Pamplona**, 9. —Um grupo de operários sem trabalho assaltou, hj je, várias mercearias e pedarias, donde levaram grande quantidade de géneros».

Lutando pela conquista directa da satisfação das suas necessidades, os desempregados devem pôr, cada vez mais, o problema de engrossar o numero dos seus combatentes e de arrancar o pão e os géneros de primeira necessidade, aos grandes armazenistas, capitalistas e lavradores.

Dada a falta de espaço, nos números seguintes daremos, resumidamente, a noticia dos resultados do primeiro plano quinquenal, em todos os seus aspectos: agricultura, saúde pública, situação material dos trabalhadores, etc.

Construindo um Mundo-Novo Por Staline

Folheto de 32 páginas contendo os resultados do primeiro plano quinquenal.

1 Escuto Pedidos aos comités do Partido

TRBALHADORES:

LEDE O «AVANTE!»

Orgão central do Partido Comunista

Aparece a 1 de cada mez

LEDE «O PROLETARIO»

Orgão central da

Comissão Inter-Sindical

Aparece a 15 de cada mez

Das fábricas

Vieira de Leiria

Na fabrica de Albano Tomé Feiteira somos obrigados a trabalhar de 10 a 12 horas. Quando alguns se negam a trabalhar tanto chegam a ser espancados, como ha dias succedeu com um camarada por al. c. u. n. h. a o «dez e dez», que foi morrido, por um patrão, numa orrelha. A homens de 45 anos e mais são applicados castigos corporais.

As operárias são chamadas com frequência ao escritório, com um pretexto qualquer, e violentadas pelos patrões. Se, apesar da violência, não cede, são despedidas. Assim procedem estes senhores que não faltam a uma missa e são citados como modelos de virtude!

Por vezes têm sido despedidos operários a quem se fica a dever seis mezes de salários!

Em junho de 1932 fizemos uma greve de protesto contra o desconto de dois por cento nos salários. Os patrões foram pedir Providências a Leiria.

Vieo aqui uma força de cavalaria e prenderam alguns camaradas porque «professavam ideias avançadas». Porém, apesar dessas prisões e mercê da terrivel situação que atravessamos, cada vez encontramos, por aqui, mais operários com «ideias avançadas»...

«Os comités de camponezes significam, para exprimir as coisas simplesmente, um convite para que todos os camponezes ajustem eles próprios as suas contas, sem perda de tempo e directamente, pelos mais energicos meios, com os funcionários e os grandes proprietários. Os comités de camponezes significam um apelo para que o povo, oprimido pelos restos de servidão e por um regimen policial, varra esses vestigios do passado, pelos métodos **plebeus**, como dizia Marx»

LENINE

Ler no próximo

número:

O BALANÇO DE 8 ANOS

DA FIRMA CARMONA, SA-

LAZAR, FERRO & COMP^a